



ENTREVISTA

Desobediência ao racismo, ao heteropatriarcado e à heteronormatividade branca na política

Entrevista com Vilma Reis

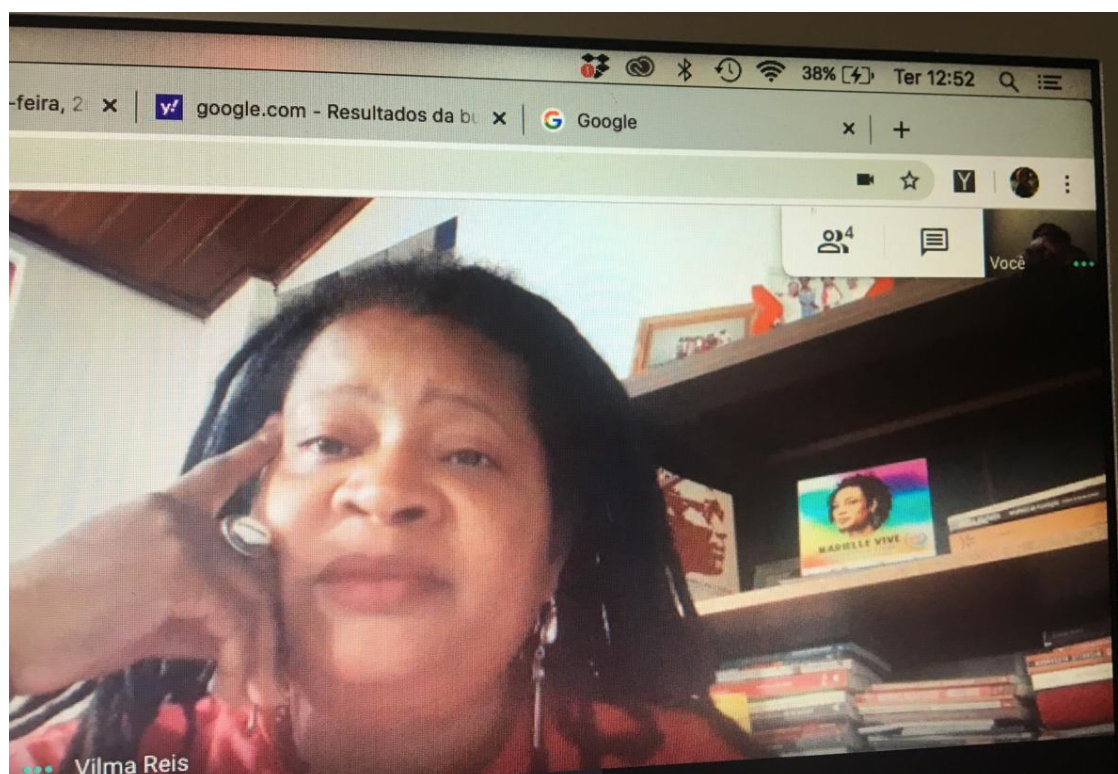


Angela FIGUEIREDO, *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*

Denize RIBEIRO, *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia*

Eva BAHIA, *Pesquisadora Independente*

Ana Claudia PACHECO, *Universidade do Estado da Bahia*



((AUDIODESCRIÇÃO))

#PraCegoVer: Foto De Vilma Reis no dia da entrevista online, 26 de maio de 2020. A foto revela o contexto da pandemia causada pelo Covid-19 e, conseqüentemente, pelo isolamento social que todas fomos obrigadas a realizar. Na descrição da foto é preciso destacar a imagem do rosto de Vilma no centro da tela do computador, usando uma camiseta vermelha, tendo atrás dela uma estante com alguns livros de autores e autoras negras e um quadro com a foto da vereadora carioca executada Marielle Franco.



Introdução

O Fórum Permanente de Formação e Fortalecimento Político Marielle Franco (Fórum Marielles) nasceu em 14 de março de 2019, exatamente um ano após o assassinato de Marielle Franco. O Fórum é formado por organizações feministas negras de esquerda, suprapartidárias, cujo objetivo é investir na formação e no acolhimento político de mulheres negras, tendo como suporte o feminismo negro. Isso significa dizer que rompemos com a lógica patriarcal existente na maioria das relações sociais e praticamos a desobediência política, epistemológica, patriarcal e heterossexista. Queremos construir um modelo de participação política em que o isolamento das mulheres negras eleitas não seja a marca e um desestímulo para a nossa atuação política.

Muitas mulheres negras têm sido cabos eleitorais, atuando como lideranças em suas comunidades, sempre foram responsáveis pela eleição de homens negros e brancos. Mas, o que queremos agora é estabelecer uma relação mais igualitária, solidária e de irmandade, construída de forma horizontal. Precisamos do apoio de nossos irmãos e irmãs negros e do compromisso de todas as pessoas brancas solidárias, entendendo que reciprocidade é a base das relações humanas.

Desse modo, queremos contribuir para reduzir o uso político que tem sido feito das candidaturas femininas, com os inúmeros casos de mulheres que são escolhidas como figurantes ou como candidatas laranjas para cumprir a lei que estabelece que 30% das candidaturas sejam femininas. Essa dura realidade reflete também a falta de autonomia das mulheres, já que muitas que são escolhidas representam interesses e pautas fundamentalmente masculinas, uma espécie de transmutação de ideais masculinos em corpos femininos.

O que queremos agora é um alinhamento entre autonomia, competência e assunção de pautas relevantes para os movimentos sociais, e um projeto político voltado para o combate às desigualdades sociais, raciais e de gênero, uma proposta de administração/gestão pública em que caibam todos e todas. Quando Vilma Reis lançou a sua pré-candidatura, no dia 02 de julho de 2019, muitas pessoas consideraram-na uma loucura, era uma ousadia para alguém como ela, inteligente e autônoma, do ponto de vista de suas reflexões críticas, comprometida com várias pautas relacionadas à educação, saúde, moradia, trabalho, religião e aos direitos humanos e sociais, além de



crítica ao modelo capitalista, que exclui a maioria da população. Enfim, uma verdadeira representante da esquerda, ou melhor, Vilma Reis empurra a esquerda para a esquerda, como diria Sueli Carneiro.

O anúncio da pré-candidatura de Vilma Reis estimulou um amplo debate sobre a importância de candidaturas de mulheres negras em todos os partidos na Bahia e no Brasil e, certamente, não foi diferente no Partido dos Trabalhadores. Frente a isso, algumas mulheres negras foram cogitadas como possíveis candidatas. Isso é, para nós, uma vitória. Ainda precisamos escrever toda a grandeza do que é o movimento. Agora é ela! É um prazer para nós, integrantes do Fórum Marielles fazer esta entrevista com Vilma Reis.

Vilma é socióloga, professora, coordenou o CEA Afro, Programa de Educação para a Igualdade Racial e de Gênero de 2005 a 2010 no CEAO/UFBA; presidiu o CDCN - Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado da Bahia, entre 2007 a 2012, durante o governo Jaques Wagner; atuou como professora da UNEB entre 2009 a 2012; atuou como técnica de nível superior em Ciências Sociais na SEPROMI, Coordenadora da Rede Estadual de Combate ao Racismo Institucional da Sepromi entre 2014 a 2015; foi Ouvidora Geral da Defensoria Pública da Bahia por dois mandatos, entre 2015 a 2019; Presidiu o Conselho Nacional de Ouvidorias das Defensorias Públicas no Brasil. Entre 2009 e 2010 atuou como membro do Grupo de Trabalho do Eixo 09 do Plano Nacional de Política para as Mulheres da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República - SPM/PR, sob a liderança da Ministra Nilcéa Freire em Brasília.

Angela FIGUEIREDO¹

Angela Figueiredo: Vilma, é importante expressar o nosso prazer, enquanto Fórum Marielles, em realizar esta entrevista com você, nós gostaríamos de aproveitar a oportunidade para reiterar o quanto o projeto político apresentado por você nos representa. Queremos aproveitar esta oportunidade para falar de sua experiência na campanha como pré-candidata a prefeitura de Salvador, mas também de temas

¹ Agradecemos as contribuições de Iansmin Gonçalves e Camila Moreira, ambas do Coletivo Angela Davis/UFRB.



recentes como a pandemia e a permanência da violência policial contra pessoas negras, como foi o caso de João Pedro, assassinado dentro de casa. Queremos falar também da violência contra as mulheres em tempo de pandemia.

Esta entrevista é também uma grande oportunidade para contar a nossa história e provocar as ciências sociais brasileira a sair de certa inércia e a compreender estes desafios presentes na insubordinação de sujeitos historicamente excluídos do processo eleitoral, excluídos muitas vezes da condição de eleitores. O movimento *Agora é ela!* certamente, escreveu um novo capítulo da história política do Brasil e, quem esteve presente à plenária realizada no dia 11 de janeiro de 2020, ficou impressionado/a com o número de participantes e de organizações presentes, e não teve dúvidas de que a candidatura de Vilma foi sustentada em bases muito sólidas e de diferentes setores sociais, assim como em todos os encontros. Nós nos orgulhamos de fazer parte deste movimento e saldamos a sua coragem em desafiar o patriarcado, o racismo, a misoginia e a LGBTfobia. Nós gostaríamos que você começasse falando de sua trajetória.

Vilma Reis: Nós estamos aqui para realizar uma conversa histórica que certamente Lélia González, Luiza Bairros e muitas delas serão chamadas para a cena. Nós assumimos e estamos tentando responder à altura o desafio que Luiza fez recuperando Toni Morrison, e nos dizendo que “só venha quem aguentar”, “só venha se tiver preparado e preparada”, esse foi o slogan que surgiu na Conferência de Igualdade Racial, a última coordenada por Luiza Bairros em 2013, com a presença de Dilma Rousseff e mais de três mil pessoas que foi constituído pela maioria de mulheres negras, em Brasília. Dona Stella² nos disse que nosso tempo é agora. E nesse nosso tempo o que nós fizemos no dia 02 de julho de 2019 foi anunciar publicamente nossa desobediência ao patriarcado, ao poder colonial, ao poder político de gestão numa cidade com 470 anos de ocupação colonial do poder, com apenas uma breve tentativa de intervalo no início dos anos 1990, mas com profunda dificuldade. Pois bem, nós estabelecemos a partir do Nordeste, da Bahia, o que chamo de ciência política feita pelas mulheres negras. Eu tenho olhado textos que me chegam sobre a democracia brasileira do desmoronar do projeto democrático brasileiro, olho para todos eles e há

² Mãe Stela de Oxóssi do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá.



uma negação da nossa narrativa. Nós sabemos dessa insuficiência, então a gente parte mesmo para aquilo que a companheira Renata Souza chama de feminicídio político imposto às mulheres negras. Esse feminicídio nos tirou a nossa irmã Marielle Franco aqui do plano físico, mas como ancestral Marielle está de pé e lamentavelmente não sossegará enquanto nós tivermos tropeçando em todas as injustiças. Esse movimento que nós levantamos foi uma resposta política muito bem construída para nossa máxima de que “nossos passos vêm de longe” e com uma sofisticação política, que é de nós, na qual transitamos e percorremos todas as dificuldades e enfrentamos todos os desafios.

Nossa posição política tem muito com a proposta de ruptura em um país com 34 partidos políticos em funcionamento no Congresso sendo todos eles comandados por homens brancos. A noção deles de renovação ou de alternância de poder é de passar o poder sempre para o novo homem branco que domina com mãos de ferro os partidos de esquerda e direita, nessa tão nova democracia brasileira com 130 anos. Um projeto de república que é incapaz de nos acolher. Nós, mulheres negras, secularmente, construímos as possibilidades para chegarmos até aqui. Nós não vamos decorar nenhuma mesa, a gente se coloca para construir possibilidade de estarmos nas linhas de poder, nas linhas decisórias dos partidos, sem patrão, sem dono e sem tutela política afirmando nossa autonomia e dizendo: “A nova estética política é com as mulheres negras” e essa não é uma frase que é para se perder no vazio.

Toda agressão política que o pacto secular de manutenção do privilégio do patriarcado manifesta nessa hegemonização de controle do poder político, do econômico e da tentativa de controle da cultura, porque essas eles não rotularam. Essa é exatamente uma cultura de esquerda, uma cultura de reincidência que nos trouxe até aqui e é a possibilidade de agirmos com altivez, sempre de cabeça erguida por todos que vieram antes de nós e de que nós como, mulheres negras precisamos ser aquelas que não precisam ser anunciadas. A nossa presença nos anuncia, nós chegamos de cabeça erguida. Como nos lembra Conceição Evaristo, nós olhamos para o projeto de morte do patriarcado, o projeto de dominação do patriarcado, de um lugar que é exatamente o lugar da escrevivência, os lugares onde eles nunca vão estar, olhamos do fundo de suas casas, da margem. E quando a gente olha da margem e a gente está em uma roda, a gente consegue ver esse conjunto, como nos lembra Patrícia Hill Collins, de um lugar profundamente sofisticado e nossa construção de embate, vem



exatamente por nós compreendermos que eles tentaram secularmente nos impor esse genocídio que nos custa muito. Então, a resposta que a gente constrói da Bahia se transformou nesse movimento nacional, mobiliza mulheres nesse momento em todo o Brasil, em destaque as mulheres negras, e foi construído por muitos passos, por cada movimento que a gente levantou, construído por cada mulher que escreveu naquele dossiê “Mulheres Negras” de 1995, por todas as mulheres que chamaram as colisões nas Américas. Construído antes, nos anos 1970 por Beatriz Nascimento, quando ela nos ensinou o caminho de volta para Palmares, por Lélia, por Luíza Bairros, por uma geração que veio antes delas, como Carolina Maria de Jesus ao fazer *Quarto de Despejo* e ela posicionar em 1955-58 todo o esforço que a ditadura militar empresarial articulou nos anos 1970 para desmobilizar Carolina, para silenciá-la e tirá-la do páreo. Isso tudo tem um sentido histórico, e é neste momento que a gente também afirma que o projeto genocida de um estado colonial em carne viva, atualizado todos os dias, ceifou a vida de Lima Barreto, e de tantos outros e outras e ao longo dos anos, em que pese a Frente Negra Brasileira, de 1931, o Teatro Experimental do Negro de 1944, todas as ações políticas empreendidas por nosso povo ao longo do século XX.

A gente não vai deixar de falar em Luiza Mahin: “Nossos passos vêm de longe”, essa frase tem tudo a ver com o processo que desembocou em 2019 na Bahia, liderado por mulheres negras, e se a gente não coube em nenhuma onda do feminismo, nós somos maré negra feminista, é isso que está em jogo, a gente não devolve o tabuleiro, a gente reposicionou as peças do tabuleiro da política. Eles jamais estariam debatendo política racial dentro dos partidos, sem o nosso feito político! A gente tomou a discussão sobre a cidade e elaboramos um programa que agora é fruto da cobiça de muitos grupos políticos, mas nós construímos ouvindo a nossa população nos mais diferentes setores e fazendo plenárias históricas como aquela da Casa da Mídia Ninja, no Rio Vermelho³, a plenária das mulheres do Sindiprev que lançou a nossa candidatura e mobilizou toda a região dos Barris no dia 11 de janeiro de 2020. Todas as outras plenárias que a gente foi construindo, a do meio ambiente tudo é fruto de um novo fazer político, tem a ver com o projeto que aponta para o bem viver. A gente enfrenta todos os economistas que foram derrotados, porque eles não avançaram para pensar em um projeto de economia para desenvolver o Brasil e pensar na possibilidade

3 Plenária Cultural realizada no dia 28/01/2020.



que a gente caminhasse juntos. Nós optamos por um projeto de não deixar ninguém para trás.

Angela Figueiredo: Em 1982, Lélia concorreu a deputada do Rio e em 1980 e 1984, Angela Davis concorreu à vice presidência dos Estados Unidos, em ambos os casos vemos grandes mulheres negras concorrendo a cargo político, mas não obtiveram sucesso eleitoral. Em que medida você associa sua trajetória, esse momento que você fez de campanha à essas duas grandes lideranças que também romperam, nos anos 1980, com certo patriarcado dos seus próprios partidos? Como você analisa sua própria trajetória à luz dos erros, acertos e êxitos, dessas duas grandes referências para nós, feministas negras?

Vilma Reis: Eu vou botar outras companheiras pelo meio, já que Lélia em 1982, estava cumprindo uma tarefa política no MNU-CDR e, em 1986, Luíza Bairros aqui na Bahia estava cumprindo uma agenda política do MNU. O enfrentamento de Lélia, a apresentação da carta dela de desfiliação ao PT, em 1985, e os motivos que estão documentados no livro “Primavera para as Rosas Negras” deve ser lido e retomado como lição para toda a nossa militância política. Também Benedita da Silva, em 1992, que enfrentou toda a violência política do poder econômico e daqueles que se acham donos do Rio de Janeiro e do Brasil como slogan “Quando derem vez ao morro toda cidade vai cantar”. Eu quero localizar a questão da construção política que está para nós na diáspora e que há dois anos atrás se materializou a vitória de Epsy Campbell, que nesse momento é vice presidenta da Costa Rica.

Todas nós estávamos afirmando e caminhando sempre na construção do movimento de mulheres negras e na construção de uma via política funcional que é possível. Tanto no Brasil, quanto nos Estados Unidos, ou na Costa Rica, os processos políticos que estão em curso na Colômbia, no México ou em tantas outras cidades como Salta, na Argentina, com população negra e mesmo outras feitas mesmo no contexto cubano, são importantes porque todas essas mulheres estão construindo o movimento de mulheres negras. Angela Davis tinha placas no mundo inteiro do FBI - “procurada” - e ela enfrentou toda brutalidade do imperialismo estadunidense e a forma de dialogar com a sociedade era exatamente essa, que nós construímos olhando para a experiência de todas elas. Por quê para nós não basta o partido político? Porque quando



a gente constrói Salvador como a Cidade das Mulheres, com as diretrizes de superação das desigualdades sociais no Estado da Bahia para Jaques Wagner, em 2006, e lançamos a campanha na Senzala do Barro Preto no Curuzu, vamos construir, com a chegada de Luiza Bairros e de toda aquela geração da Sepromi até a Sepir, o caminho que a gente pavimentou. Inclusive construindo a Expressão Feminista em 2007, no Partido dos Trabalhadores, não seria de tutela e nem de comando dos homens. Nós construímos um lugar para fazer a nossa militância política partidária. E todos esses momentos que foram construídos em 2004 e 2006, e o enfrentamento feito até o dia 07 de abril de 2016, quando fomos ao Palácio do Planalto em defesa da democracia e da possibilidade de continuidade do governo de Dilma Rousseff, eleita por 54 milhões de votos, em respeito à luta das mulheres negras, isso tudo, não poderíamos deixar de lado! Estou falando de uma história de 40 anos em que nós, mulheres negras do Brasil e da diáspora, construímos o caminho para Durban. Luiza estava no PNUD e tudo isso só foi possível graças ao movimento de mulheres negras, inclusive para o Brasil garantir a segunda maior delegação da Conferência de Durban e adentrar no mapa político internacional de construção das políticas de ações afirmativas.

Foi com essa força que a gente chegou à Marcha das Mulheres Negras em 2015. E foi com essa mesma força que a gente se reergueu quando a brutalidade colonial brasileira, atualizada todos os dias, em pleno Fórum Social Mundial em Salvador/BA, ceifou a vida de Marielle Franco e nos fez afirmar que Marielle será dita em todos os lugares do mundo. Um mês depois, estava na Universidade de Harvard junto com Jurema Werneck, Ana Flavia Magalhães, Lúcia Xavier e nós tomamos o auditório e falamos: Marielle Franco será sempre lembrada! Esse processo foi desencadeado e não tem volta, a ação política da Anistia Internacional sob a coordenação de Jurema Werneck tratou de levar o processo para o mundo inteiro. Mas qual é a resposta que nós precisamos dar do ponto de vista de enfrentamento ao poder? É construir poder junto com as mulheres negras nas linhas decisórias dos partidos políticos.

Angela Figueiredo: Quando você defende a paridade racial e visualiza de que forma isso pode ser feito, isso faz parte de uma resposta desobediente ao Partido dos Trabalhadores? Em 2007, 157 mulheres negras foram filiadas ao PT e, em 2019, 53 mulheres negras foram filiadas ao PSOL e foi um silêncio absoluto sobre esse ato político de



filiação. Fale um pouco sobre a sua filiação e do silêncio do PSOL e da esquerda em 2019.

Vilma Reis: Como foi possível uma mulher negra ter quase 50 mil votos e a esquerda brasileira não ter a dignidade de debater essa questão? Quando a gente olha os materiais dos partidos de esquerda no Brasil, não tem uma única referência negra, pois eu desafio aqui as companheiras de luta do Fórum Marielles que a gente faça o calendário de nossas lutas e a gente homenageie as mulheres que sempre se levantaram em nossos materiais. Como é possível os materiais da esquerda não terem a Benedita da Silva? Como é possível a esquerda brasileira publicar seus materiais sem colocar o Abdias do Nascimento? E também Carlos Alberto Oliveira que dá nome à Lei Caó que criminaliza o Racismo no Brasil? Esse cara mudou o entendimento da questão racial sendo parlamentar pelo PDT. Carlos Marighella, deputado constituinte em 1946 junto com Jorge Amado também não aparecem. O MST precisa colocar Osvaldão, chefe das ligas camponesas que lutou pela reforma agrária, em seus materiais. Como é possível uma ciência política sem o trabalho feito por Guerreiro Ramos! Teve gente que falou de Marighella sem falar da sua mãe Haussás, uma mulher negra que possibilitou a luta de seu filho. Isso é inconcebível!

O PT é o maior partido de esquerda da América Latina, mas contraditoriamente, nunca seríamos alternativa de poder no PT ou no PSOL numa chapa para um cargo executivo, então nós nos recusamos a aceitar o lugar reservado para os negros e negras nesses partidos. Temos um projeto de poder que é para a libertação da nossa cidade, então nós tínhamos que construir as caras negras de referência para as linhas de poder no país e apresentar sofisticação de pensamento. Construimos um programa por uma cidade de direitos, com respostas para a sociedade como também dentro do próprio PT e para toda a esquerda baiana e brasileira, de forma a evidenciar o projeto que nós temos que começa em zerar a fila da creche, como reivindicaram as feministas negras populares de nossa cidade desde os anos 1970.

Aqui se faz política para derrotar a nossa esperança, para ceifar e sabotar a nossa existência... E nós trazemos um novo programa que é para reposicionar o nosso povo e fazer toda a população caber dentro do orçamento público, reposicionar os sujeitos históricos que estão em desvantagem. As mulheres negras devem ser o principal vetor para onde



a gente canaliza os investimentos das políticas sociais em políticas de emprego, trabalho e renda. É aqui que pegamos os bancos de fomento, agricultura familiar, buscando articulação com as agências de fomento internacionais bilateral e multilateral, pois eles têm recursos no mundo inteiro para investir nesses grupos de vulnerabilidade social. Aqui no Brasil não se faz absolutamente nada, nem sequer a fiscalização das cotas raciais nos concursos. Propusemos um programa parido por nós mulheres negras.

O que é que a gente faz com os partidos? Caminhamos por dentro para a construção de um projeto de futuro. Nós estamos no lugar certo e dizendo: *Nosso tempo é agora!* Fazendo incidência política e estabelecendo controle pelo movimento de mulheres negras, dizendo que não dá mais para ficarmos na situação que estávamos. Um absurdo! Como a cidade de Salvador, terceira capital do país, pode ser controlada por uma desastrosa elite política constituída por homens brancos, ricos e de camadas médias altas? Nós mulheres negras tomamos o tabuleiro e é essa a nossa vitória.

Eva Bahia: A confluência das mulheres negras na maré feminista negra estabelece ações para garantir paridade racial e de gênero nos espaços de poder, respeitando a trajetória das/dos que vieram antes de nós. Quais medidas você acredita que podemos criar e ampliar para a garantia da democracia para as pessoas negras?

Vilma Reis: Primeiro começar com a Tânia Palma que fez escola em um mandato com condições absolutamente adversas e você acompanhou de perto. Eu falei em ter caras negras reconhecidas no momento em que nós, lideranças do movimento de mulheres negras, estamos nos mais diferentes espaços através da tecnologia e de todas essas mídias. Nós criamos a possibilidade de falar com o país inteiro, fazemos *lives* e 10 mil pessoas acessam, a capilaridade é outra. Mas também essa construção é do Fórum Marielles que vai nos impulsionar nesse ambiente plural e tem essa potência da maré negra. Todos aqueles telefonemas que a gente deu no primeiro de julho, conversando com todas as lideranças e as construções que tivemos que fazer, as reuniões do Fórum Marielles no Ceao, enquanto movimento político é emocionante, além da esperança das pessoas. Vi mulheres como Luciana Falcão, Jucimara Santana, Lidinalva Barbosa...



A esperança da gente está tomando nosso destino em nossas mãos, tomando a linha política nacional. Eu sinto isso! Eu falava do Manifesto do Fórum Marielles, do seu papel em se espalhar por todos os cantos, e quando com Angela Figueiredo e Denise Ribeiro tivemos aquela reunião em São Félix... Imagine um movimento político que envolve mulheres e partido e que se reúne num terreiro de candomblé! Isso é muito sofisticado, traz um debate novo. Como foi possível uma mulher ter 46.505 votos, essa força, essa potência de Marielle Franco não ter sido notícia nos boletins, nas *lives*, nos programas, nas TVs, nas fundações dos partidos? É essa a pergunta. Como nós suportamos essa situação dentro dos nossos partidos? Como foi possível 157 mulheres se filiarem em um único dia 13 de julho de 2007, na Rua da Independência, na cidade de Salvador, no auditório dentro do PT e isso não virar notícia? A esquerda branca deveria estar com muita vergonha do seu feito sobre esses atos. Não se faz uma revolução sem enfrentamento. Quem empurra a esquerda branca para esquerda somos nós, mulheres negras.

Denise Ribeiro: É importante ouvir o que as mulheres negras do movimento estão pensando. Houve algumas tensões pela decisão e atitude de irmos para o 02 de julho sem ter passado pelo partido, sem ter discutido nas rodas das redes de mulheres negras. Uma coisa que temos que pontuar são os aspectos vitoriosos de um campo que parece totalmente neutro e que concorda com tudo que a gente faz. Tivemos o incômodo de algumas que diziam: *Vilma não vai*. Apesar do disse-me-disse entre as mulheres negras, nenhuma delas teve dúvidas da sua liderança, de se sentirem representadas por você, à medida que a campanha foi avançando a gente via isso no olhar das mulheres. Da forma como você se joga, como você se dá na militância, às vivências, que críticas você faz à Vilma Reis?

Vilma Reis: Antes de ir para as tensões, gostaria de me autocriticar. Eu me pergunto porque não fizemos antes, mas como uma mulher parida das lutas coletivas, também me posiciono com uma autonomia política, eu me pergunto como a gente não fez isso antes? A pergunta é coletiva também. Durante um tempo, mesmo em 2007 ou depois de 2010, continuamos votando nos companheiros e eles tripudiando de nós sem compreender o esforço, o trabalho e o lugar que a gente estava dando para eles. Como feminista, eu acho que deveria ter



colocado essa autocrítica muito antes. Dá muito aperto no coração não ter feito essa autocrítica antes, mas acho que a gente só a criou diante das condições que nós mesmas fizemos. Nós fomos desafiadas antes por algumas companheiras, mas eu acho que o grande salto que a gente faz em se libertar das amarras depois de 2018 foi o fenômeno Marielle. Eu olho para as mulheres e vejo esperança, vejo lideranças monumentais!

Quando o Fórum Marielles se reuniu, vi como um conselho nacional de um partido e de uma organização política pode ser muito mais potente. A gente observa as questões monumentais que percorremos e é importante também ter os marcadores de diferença e a gente acolheu no mesmo ambiente essas tensões na nossa luta. A questão do conflito faz parte, assim como a gente também pensa na crise. Quando olho a precarização das nossas vidas, vejo Denise Ribeiro, Angela Figueiredo e Eva Bahia e me pergunto por quê estamos falando dessas potências? É exatamente porque não queremos eliminar a outra, aniquilar a outra. Temos a sofisticada política de conviver na diversidade e tentar entrar em consensos.

Eu olho o Fórum Marielles assim. Fomos capazes de entrar em um consenso. Nós vamos tomar a prefeitura de Salvador e essa vitória negra precisa ser contundente e só pode se dar por mulheres negras de esquerda, que vem do movimento feminista negro e que, portanto, a gente não passa pelos controles das máquinas partidárias, mesmo entendendo que o partido é uma tática que nós aventamos como projeto político. Para nós a centralidade é ser mulher negra feminista, LGBT, de candomblé e estarmos no partido. Saber o que me pariu primeiro é fundamental.

Denise Ribeiro: Com relação à experiência de Marielle Franco, o que fazer para evitar o feminicídio político, conceito de Renata Souza que você citou acima?

Vilma Reis: Aqui nessa conversa a gente informou onde a gente selou a ruptura de apoiar as candidaturas de homens negros e qualquer aliança e possibilidade com homens brancos. Mas quero dizer o seguinte, já debati com Tainá de Paula, companheira do PT, e com a Flávia Rios que está fazendo uma pesquisa como socióloga no campo da ciência política, temos a Angela Figueiredo com a Cor da Bahia e todas as tarefas políticas. Nós estamos falando de escola de formação, dos aprendizados



que fazemos, a gente vai ter que debater alternância dos partidos políticos, temos que incidir no fundo eleitoral e garantir que dentro dos partidos teremos as candidaturas e o ponto de vista de mulheres negras. Nós realmente temos que nos cercar de recursos. O apoio não virá por eles e temos que procurar caminhos e é muito importante a gente se colocar na pauta política.

Realização:

